

Miniaturar é tornar portátil, a forma ideal de possuir coisas para um viajante ou um refugiado. Benjamin era, desde logo, ao mesmo tempo, um caminhante em jornada e um coleccionador esmagado por coisas, quer dizer, pelas paixões. Miniaturar é ocultar. Benjamin era atraído pelo extremamente pequeno, como por tudo aquilo que era preciso decifrar: símbolos, anagramas, escritos. Miniaturar significa tornar inútil. Pois aquilo que fica grotescamente reduzido é, num certo sentido, libertado do seu significado, a sua parcimónia é o seu traço mais notável. É, ao mesmo tempo, um todo (quer dizer, algo de completo) e um fragmento (muito reduzido, a escala errada). Torna-se assim objecto de desinteressada contemplação ou fantasia. O amor pelo que é pequeno é uma emoção infantil, colonizada pelo surrealismo. O Paris dos surrealistas é um "mundo pequeno", observa Benjamin: o mesmo acontece com a fotografia, que o gosto surrealista descobriu como um objecto enigmático, até perverso e não apenas inteligível ou belo, e sobre a qual Benjamin escreveu com muita originalidade. O melancólico sente-se sempre ameaçado pelo domínio do que é semelhante a objectos, mas o gosto surrealista ri-se de tais terrores. A grande contribuição do surrealismo para a sensibilidade consistiu em tornar alegre a melancolia.

«O único prazer que o melancólico se permite, e que é poderoso, é a alegoria», escreveu Benjamin em *Origem do Drama*

agressivas em letras maiúsculas, retiradas de anúncios de jornais e letreiros oficiais e estranhos. A passagem inicial em que Benjamin saúda «a linguagem impulsiva» e denuncia «o gesto pretensioso e universal do livro» não tem muito sentido a menos que se tenha em conta o género do livro que *Rua de Sentido Único* pretendia ser.

*Barroco Alemão*. Na realidade, afirmou, a alegoria é a maneira de ler o mundo característica dos melancólicos, e citou Baudelaire: «*Para mim tudo se converte em alegoria.*» O processo que extrai um significado do petrificado e insignificante, a alegoria, é o método do drama barroco alemão e de Baudelaire, principais temas de Benjamin; e transmutado em argumento filosófico e em análise micrológica das coisas, é o método praticado pelo próprio Benjamin.

O melancólico vê que o próprio mundo se converte em coisa: refúgio, consolação, encantamento. Pouco antes da sua morte, Benjamin planeava um ensaio sobre a miniaturação como recurso da fantasia. Isso parecia ser a continuação de um velho plano de escrever sobre *A Nova Melusina*, de Goethe (em *Wilhelm Meister*), que tem por tema a história de um homem que se enamora de uma mulher que na realidade é uma pessoa diminuta, a que temporariamente foi concedido o tamanho normal: sem o saber, o homem transporta uma caixa que contém o reino em miniatura de que ela é a princesa. No conto de Goethe o mundo está reduzido a algo de colecionável, a um objecto, no sentido mais literal do termo.

Tal como a caixa do conto de Goethe, um livro não é apenas um fragmento do mundo mas, ao mesmo tempo, um pequeno mundo. O livro é uma miniaturação do mundo que é habitado pelo leitor. Em *Berliner Chronik*, Benjamin invoca os seus entusiasmos de infância: «*Não se liam os livros de uma ponta à outra; habitávamos entre as suas linhas.*» À leitura, delírio da infância, veio juntar-se mais tarde, o de escrever, obsessão de adulto. A maneira mais louvável de adquirir livros é escrevê-los, observa Benjamin no seu ensaio *Desembrulhando a Minha Biblioteca*. E o melhor modo de os compreender consiste tam-